

O PATO DONALD

-Acho que não irei até lá só para vê-la. Se for, depois terei de andar bem mais para chegar em casa.

-Então vamos embora!

Eu e o Paulão saímos da academia após mais um dia cansativo de treinos e seguimos em direção ao ponto de ônibus.

Feitas as despedidas, embarquei já pensando no que faria em seguida.

Passaria numa desconhecida banca de jornais onde aparentemente eram vendidas revistas antigas.

Desci um ponto antes do que eu costumo e fui até a referida banca.

Estava com alguns trocados no bolso, dava para levar alguma coisinha, mas, em lugares assim, nunca se sabe com que tesouros me depararia.

Por não estar muito disposto a ficar garimpando entre as prateleiras e pilhas de revistas, só dei uma olhada superficial pelo lado direito e esquerdo da banca.

Já estava quase indo embora quando algo me chamou a atenção: uma revista do PATO DONALD.

Ao vê-la, o banco de memórias do meu cérebro foi imediatamente acionado.

Informações guardadas em baús cobertos de poeira foram procuradas e, numa fração de segundo, a capa do gibi havia sido identificada.

Minhas mãos começaram a tremer e meu cérebro começou a dar sinais de alerta vermelho.

Verifiquei a revista com os nervos à flor da pele.

Minhas suspeitas se confirmaram.

Eu estava com o primeiro exemplar do Pato Donald em mãos.

Olhei a data e senti o corpo estremecer: Julho de 1950, Ano I N°1

Não sabia o que fazer, sair correndo como um alucinado ou perguntar o preço.

O setor lógico do meu cérebro me salvou de uma situação embaraçosa, afinal, a revista estava largada ali na frente da banca.

Provavelmente, o jornaleiro nem soubesse o que tinha em mãos.

Mais uma vez, verifiquei a autenticidade da revista.

Numa primeira e rápida olhada, não encontrei dizeres do tipo: 2ª edição, reimpresso no ano tal... Aparentemente, era o N°1 mesmo!

Coloquei em ação a minha cara de jogador profissional de poker e, aparentando uma calma fora do comum e peguei outra revista e coloquei por cima daquela.

Entreguei as duas para saber o preço:

Olhando para a que estava por cima, ele disse:

-Esta aqui é quinze...

O Pato Donald, ele olhou, olhou e acabou perguntando:

-Onde você achou esse gibi?

Na fração de segundo que durou o intervalo entre a pergunta dele e a minha resposta, eu ainda pensei:

-Dancei! Agora o sujeito vai dizer que o exemplar não está a venda. Que é uma fortuna...

Sem alternativas, respondi:

-Aqui no meio destas revistas. - Disse apontando para uma pilha qualquer...

Então veio a resposta:

-Bom, esse aí é cinquenta paus.

Valor que, à época, era equivalente a três litros de gasolina.

Não esperei ele falar mais nada.

Já fui tirando o dinheiro da carteira e pagando.

Mas aí ele disse então:

-Um momento... Deixa eu trocá-la por uma melhor.

O garoto pegou o exemplar da minha mão e sumiu dentro da banca.

Quando apareceu de novo, ele me entregou outra revista tão autêntica quanto a primeira, e, em melhor estado de conservação.

Ainda pensei comigo mesmo:

-Se ele pode se dar ao luxo de trocar uma revista dessas por outra exatamente igual e ainda mais bem conservada, então essa banca está com uma fortuna guardada aí.

Como não tinha dinheiro para comprar o outro também naquele momento, apertei o passo para chegar em casa o mais depressa possível.

Iria pegar mais dinheiro, voltar e comprar os outros eventuais exemplares que houvessem ali.

Tal preocupação era justificada, afinal, cada revista daquela valia uma grana preta já à época que este fato ocorreu.

Era algo como ganhar na loteria sozinho.

Por telefone mesmo, armei um belo esquema para agilizar a correria que eu pretendia fazer, afinal, teria de pegar o trem, ir para casa, pegar a grana e voltar.

Sentei então no banco do trem e fiquei pensando nos rios de dinheiro que iria ganhar vendendo aquelas revistas.

Resolvi dar mais uma olhada naquela jóias preciosas.

As cores eram fenomenais e, algumas histórias ainda desenhadas em verde e branco.

Que maravilha!

Nas minhas mãos, tinha um marco histórico das revistas em quadrinhos brasileiras

Como mencionei anteriormente, sempre é bom ir preparado para os sebos.

A gente nunca imagina o momento em que as surpresas da vida irão cair nas nossas mãos.

Este, era um gibi que eu jamais imaginei ter na minha coleção.

A história terminaria aqui com um grande final feliz caso eu, ainda naquela viagem de trem, não tivesse notado um interessantíssimo detalhe escrito em letras miúdas no lado esquerdo da capa:

“FAC-SÍMILE de O PATO DONALD N°1 - Suplemento de O PATO DONALD – Edição especial de aniversário.”

Minha revista não era original.

Era uma cópia idêntica feita posteriormente em alguma edição comemorativa.

Estava bom demais para ser verdade.

Pelo menos, não precisei gastar mais dinheiro com as outras revistas que considerava também serem autênticas.
